

A ESQUERDA ENQUANTO LINGUAGEM: *LITERATURA DE ESQUERDA*, DE DAMIÁN TABAROVSKI

REVIEW OF: TABAROVSKY, DAMIÁN. *LITERATURA DE ESQUERDA*.
TRAD. CIRO LUBLINER & TIAGO CFER. BELO HORIZONTE: RELICÁRIO,
2017.

Pedro Henrique Trindade Kalil
Auad*

* pedroauad@gmail.com
Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo PósLit/
UFMG.

Literatura de esquerda, do argentino Damián Tabarovsky, pode chamar atenção pelo título (além da bela edição), mas se engana aqui que o autor vai analisar ou fazer uma defesa de posições ideológicas por si só, como em velhos compêndios de estudo que se centravam em como a literatura poderia retratar e modificar a realidade ou mesmo em como ela poderia servir como “propaganda” de ideais políticos. Dizendo de outra maneira: ele não parte do campo político e social para se chegar à literatura, mas da literatura para chegar ao campo cultural e literário e daí no político e social. Esse caminho inverso talvez ajude a entender porque definições como literatura engajada ou literatura social desaparecem do linguajar do argentino, adotando mesmo a ideia de uma literatura de *esquerda*, que não é necessariamente aquela que defende posições

progressistas, mas aquela que, na estrutura de sua linguagem, se coloca além ou fora do estabelecido.

Partindo do geral para falar de casos específicos, no primeiro texto do livro, *O Escritor sem público*, Tabarovsky vai afirmar que a literatura de esquerda não poderia ser encontrada nos moldes do mercado ou da academia (o campo cultural) já que cada qual constrói paradigmas de legitimidade do que seria a literatura, ou boa literatura, e não buscaria uma literatura que colocaria “em xeque a própria ideia de paradigma, a própria ideia de ordem literária, qualquer que seja essa ordem”.¹ Assim, a literatura de esquerda, para Tabarovsky, não busca um público e muito menos escreve em nome de alguém, “ela se dirige à linguagem”,² e narra a sua própria destruição. Nesse sentido, ela

1. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 16.

2. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 17.

não trabalha para afirmar o campo literário, mas para afastá-lo, para interromper o próprio mito da literatura.

Tabarovsky vai, ao longo do livro, criar um debate principalmente com pensadores europeus, como é o caso de Roland Barthes. É interessante notar que por mais que possa parecer uma aderência ao pensamento desses autores, o argentino não corroboraria totalmente com eles. Se ele argumenta que em *Aula*, o teórico francês instiga essa interrupção feita pela literatura, algo que o argentino corrobora, não se poderia dizer o mesmo se focássemos em outros textos de Barthes, como *O Grau Zero da Escrita*. Se Barthes afirmava que é somente na reconciliação entre o verbo do escritor e o verbo dos homens que “o escritor poderia dizer-se inteiramente engajado, quando a sua liberdade poética se colocasse no interior de uma condição verbal cujos limites seriam os da sociedade e não os de uma convenção ou de um público”,³ Tabarovsky parece afugentar o alarme que Barthes dava em um de seus primeiros escritos, quando afirmava que o escritor revoltado seria absorvido pela literatura. Isso porque Tabarovsky aposta não na literatura em si, sua história ou cânone – “ali onde há um cânone, há que se posicionar contra ele, qualquer que seja o cânone” –,⁴ mas faz parte de uma *comunidade inoperante*, a comunidade daqueles sem comunidade: “Esse *sem lugar* é o local da literatura de esquerda, nele a

comunidade inoperante imagina. É a partir desse sem lugar que fala o escritor sem público”.⁵

Focado muito na literatura Argentina e nos movimentos que se seguiram nos últimos anos naquelas terras, a segunda parte do livro, *A Crise de Dentro*, Tabarovsky recusa muito do que foi escrito naquele território por não ser inventivo, linguisticamente falando, mas sendo uma reconfirmação das *belles lettres* como paradigma: essa literatura argentina falaria a língua que todos já falam. Assim, ele afirma que o trabalho da literatura é o de inventar uma língua dentro da língua, perfurando-a e daí criando uma impossibilidade. A impossibilidade é, nas palavras dele, uma noção de crise. Diferentes das crises da sociedade (política, econômica, etc.), a literatura instauraria uma crise permanente e faz “da crise – do risco de extinção – sua razão de ser. A arte e a literatura expandem a crise para além de suas fronteiras, colocam a linguagem à prova, politizam as zonas do discurso que, *a priori*, parecem não-políticas ou politicamente neutras. Fazem do fracasso o seu passatempo favorito”.⁶ Mas se essa é a literatura, qual seria a especificidade da literatura de esquerda? “O que define a *literatura de esquerda* é que ela sabe que pode fracassar”.⁷

As suas definições – que não podem ser classificadas como estáveis ou categóricas – se arrolam a partir daí:

3. BARTHES. *O grau zero da escrita*, p. 74-75.

4. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 29.

5. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 36.

6. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 45.

7. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 45.

8. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 48.
9. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 50.
10. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 50.
11. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 49.
12. É importante ressaltar a diferença entre Tabarovsky e Cixous, porém, é interessante notar, ainda, que a própria autora diz a impossibilidade – ou do fracasso – de tentar delimitar esse tipo de escrita, porém, ela ressalta que ela existe e, nessa afirmação, ela se coloca em uma perspectiva próxima até da *literatura de esquerda* do argentino: “É impossível definir uma prática da escrita feminina, e isso é uma possibilidade que vai permanecer, porque essa prática não poderá nunca ser teorizada, eclodida, codificada – mas isso não significa que ela não existe. *Mas ela sempre ultrapassará o discurso que regula o sistema falocêntrico e ela vai ter lugar em áreas outras que essas subordinadas à dominação teórico-filosófica. Ela será concebida apenas por sujeitos que quebram os automatismos, por figuras perimetrais que a autoridade não consegue subjugar*” (CISOUX, 2007, p. 324 – Tradução e destaque nosso).

“são literaturas que não buscam *dar* um sentido, mas que tampouco convidam ao *nonsense*”;⁸ “se há algo que se opõe à literatura de esquerda é a argumentação”;⁹ ou, ainda, “impedir a crença, uma meta da literatura de esquerda”.¹⁰ É em meio a essas definições que ele afasta a junção entre escrita e escritor (escritura e escrita, também?):

A literatura de esquerda não remete àquela realizada por escritores de esquerda, que passaram pela esquerda, ou que ainda se dizem de esquerda. Boa parte da literatura feita por escritores de esquerda é, em termos literários, conservadora, redutora, simplista. De esquerda não tem sequer sua relação com o mercado.¹¹

A literatura de esquerda não seria, pois, feita necessariamente por escritores de esquerda, mas uma literatura que faz do fracasso um triunfo e que dá testemunho de uma impossibilidade. Nesse sentido, poder-se-ia realizar uma aproximação da estratégia entre Tabarovsky e Hélène Cixous, quando está estaria muito mais interessada em pensar uma *escritura feminina* do que em uma escrita de mulheres, simplesmente, o que teria um paralelo entre a *literatura de esquerda* e a literatura de algum escritor de esquerda.¹²

Dessas definições uma coisa soa curiosa: o quase inexistente diálogo entre o argentino e Derrida e Beckett. Apesar

deste último receber algumas menções, o seu famoso trecho de *Worstward Ho* – “Try again. Fail again. Better again. Or better worse. Fail worse again. Still worse again” – pareceria cair bem para as definições de literatura de esquerda, já que sempre aponta para o fracasso da tentativa. Algo que se amplia mais quando nos deparamos com as conclusões de Derrida quando este reivindica que a experiência, a paixão da língua e da escritura “pode atravessar discursos tematicamente ‘reacionários’ ou ‘conservadores’ e lhes conferir um poder de provocação, de transgressão ou de desestabilização maior do que os pretensos textos ‘revolucionários’ [...] que não ousam se arriscar e prosseguem nas formas neoacadêmicas ou neoclássicas”.¹³ E, vai acrescentar o franco-argelino, que a obra de Beckett é justamente “o resto que resta quando a temática está exaurida”.¹⁴

Talvez por Derrida pensar na *instituição literária* – mesmo quando pensa no fim dessa instituição – é que Tabarovsky se afasta dele; entretanto, não deixa de ser curioso como, em outra medida acaba se aproximando, principalmente quando se debruça sobre as vanguardas e a abstração, no terceiro texto de seu livro, *Efeitos abstratos*. Afirma o argentino: “se algum ensinamento deixou a vanguarda, esse foi que o escritor vanguardista é sempre o penúltimo escritor. Esse é seu mito: ser o pai odiado do escritor do futuro”, em uma construção que não o afastaria,

13. DERRIDA. *Essa estranha instituição chamada literatura*, p. 75.

14. DERRIDA. *Essa estranha instituição chamada literatura*, p. 95.

15. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 58.

justamente, da instituição como em parte a pensa Derrida. Ademais, quando ele reflete sobre a onda conservadora na literatura argentina, ele não está preocupado somente com a temática ou com a descrição sociológica, mas como esse conservadorismo passa a “ingressar por completo no plano textual”.¹⁶ E como seria a literatura não conservadora? Aquela que suspenderia a temporalidade, o estilo, o discurso, em suma, a narração. Não é que seja uma literatura que não narra, mas que narra a “história da época da fratura da narração, a história perdida da inocência narrativa, da suspeita no relato”.¹⁷

Na quarta parte de seu livro, *Estava surfando quando uma onda me engoliu*, a própria estrutura de seu texto muda: enquanto nas outras partes a longa prosa impera, agora é a vez de fragmentos. Aqui seu foco é a literatura depois da vanguarda ou, dizendo de outra maneira, como pode a literatura, ainda mais a de esquerda, sobreviver com ou ultrapassar as invenções da vanguarda? Em um primeiro movimento Tabarovsky se opõe à ideia do escritor como mercadoria – “se a literatura se opõe ao consenso, então se opõe ao verbo ser: ‘sou escritor’”¹⁸ e, assim, leva essa figura a um extremo e a uma impossibilidade. É nessa perspectiva, inclusive, que ele recorre talvez a um dos poucos conceitos classicamente de esquerda, a saber, a luta de classes:

Essa literatura [literatura argentina contemporânea] se coloca a serviço da eficiência; supõe que a linguagem pode ser eficiente, que tem que fornecer seus efeitos de choque, seus *targets*. Fracassa, pois trata a linguagem como uma espécie de empregada doméstica, e perde de vista que a linguagem não é a empregada, mas sim a patroa. E diante da patroa, sempre, há somente uma saída: a luta de classes.¹⁹

Esse trecho é interessante não só por remeter a Marx & Engels, mas também por, talvez, nos indicar o caminho pelo qual Tabarovsky entende a própria história se não da literatura, ao menos da *literatura de esquerda*, já que podemos retomar a clássica formulação dos alemães – “Até hoje, a história de toda sociedade é a história das lutas de classe” –²⁰ para pensar sobre essa luta contra a linguagem, que afere a posição do escritor diante da linguagem.²¹ Ainda, neste trecho, podemos pensar nas contradições inerentes à própria ideologia,²² já que essa literatura, por ele tratada como descartável, tal como a literatura de esquerda, também fracassa.

A impossibilidade também estará presente na literatura depois das vanguardas: “a condição da vanguarda consistia em levar uma possibilidade a seu extremo. A condição da literatura contemporânea consiste em levar sua própria impossibilidade ao extremo”.²³ Impossibilidade que não

16. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 61.

17. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 65.

18. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 69.

19. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 70.

20. MARX & ENGELS. *Manifesto do partido comunista*, p. 44.

21. Aqui, mais uma vez, poderíamos retornar à Derrida e sua formulação “Sim, eu não tenho senão uma língua, ora ela não é minha” (DERRIDA, 2016, p. 25).

22. Cf. BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem*.

23. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 72.

seria encarada pelo que ele entende como hegemônico na literatura atual: os romances “bem escritos” e “inteligentes”; a neovanguarda acadêmica; e o ensaísmo conservador. E, por mais que essa hegemonia possa parecer que mata a literatura que lhe interessa, “em segredo ocorre algo insólito: a literatura continua. É uma tumba sem sossego”.²⁴

Tabarovsky vai se debruçar sobre Flaubert na quinta e última parte de seu livro, *Perder o Juízo*. O escritor francês vai ser apresentado como uma espécie de sintoma de uma literatura de esquerda, mas pensada contextualmente. A partir dos processos movidos contra o autor de *Madame Bovary* – tanto por atentado à moral, que o argentino se importa um pouco menos, quanto por ser uma escrita “complicada demais”, o ponto que parece interessar mais – Tabarovsky vai articular uma construção de uma espécie de paradoxo da escrita que subtrai o sentido através de seu excesso, uma obra que deixaria o mundo em suspenso.

Flaubert é importante também por ser o escritor que, durante os processos, acabou por desvendar os laços que amarravam escritor e escrita e, por isso, faz sobressair a autonomia da obra de arte a partir de uma abertura na e da linguagem. Assim, o legado de Flaubert seria aquele que faz com que a literatura se escreva contra a narração, “se escreve na precariedade de um além (da vontade, da

linguagem), de um fora (do tempo, do *logos*), no depois de uma fratura irreparável. A escrita: uma forma de perder o juízo. E, finalmente, a questão que sobrevoa e ultrapassa toda escrita; é a frase que a antecede e a sucede, a questão definitiva, a verdadeira experiência literária: a questão sobre *como vivemos*”.²⁵ E, pensando na reflexão que Avital Ronell faz de *Madame Bovary*, a escrita pode não ser só a loucura, mas também o vício e, talvez, o veneno: “quando você não pode engolir o seu orgulho, você toma o veneno”.²⁶

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**.

Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2012.

BARTHER, Roland. **O Grau Zero da Escrita**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. In: FREEDMAN, Estelle B. **The essential feminist reader**. Nova York: The Modern Library, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

24. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 88.

25. TABAROVSKY. *Literatura de esquerda*, p. 107.

26. RONELL. *Crack Wars*, p. 118.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro**. Trad. Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RONELL, Avital. **Crack Wars**. Chicago: University of Illinois Press, 2004.

TABAROVSKY, Damián. **Literatura de esquerda**. Trad. Ciro Lubliner & Tiago Cfer. Belo Horizonte: Relicário, 2017.

Recebido em: 04-06-2018.

Aceito em: 07-10-2018.